

Fragmento da influência dos climas sobre a civilização

Fragment of climate influence over population

Tradução
Paulo Ferreira Junior

UFSCar, São Carlos, SP,
Brasil.

Mestrando em Filosofia
pela UFSCar.
Bolsista CAPES.
ferreirapaulojr@
yahoo.com.br

Jean-Jacques Rousseau ¹

1

Para acompanhar com proveito a história do gênero humano, para bem julgar a formação dos povos e suas revoluções, é necessário remontar aos princípios das paixões dos homens, às causas gerais que lhes fazem agir. Assim, aplicando esses princípios e essas causas às diversas circunstâncias nas quais esses povos se encontravam, saberemos a razão daquilo que eles fizeram, e saberemos até mesmo o que eles tinham de fazer em ocasiões nas quais os eventos nos são menos conhecidos que as situações que as precederam. Sem essas pesquisas, a história não tem nenhuma utilidade para nós e o conhecimento dos fatos desprovidos de suas causas apenas serve para sobrecarregar a memória, sem instrução para a experiência e sem prazer para a razão.

O homem não pode bastar-se a si mesmo; suas necessidades sempre nascentes o colocam na necessidade de procurar fora de si os meios de provê-las. Ele depende sempre das coisas e frequentemente de seus semelhantes. Sentimos mais ou menos essa dependência segundo o alcance e a natureza de nossas necessidades, e é nessas mesmas necessidades, maiores ou menores, mais ou menos sentidas, que se deve procurar o princípio de todas as ações humanas.

Nossas necessidades são de muitos tipos; as primeiras são aquelas que mantêm a subsistência e da qual depende nossa conservação. São tais que todo homem pereceria se cessasse de poder satisfazê-las: essas são chamadas de necessidades físicas porque nos são dadas pela natureza e nada pode nos livrar delas. Há apenas duas necessidades dessa espécie, a saber: a alimentação e o sono.

Outras necessidades tendem menos à nossa conservação do que ao nosso bem-estar e são propriamente apenas apetites, mas às vezes tão violentos que atormentam mais que as verdadeiras necessidades; contudo, nunca é de uma absoluta necessidade de prover, e todos sabem muito bem que apenas viver não é viver no bem-estar.

Ipseitas, São Carlos, vol. 1,
n. 1, p. 173-177, jan-jun, 2015

1 “Fragmento X” dos *Fragments Politiques* das *Oeuvres Complètes*, *Bibliothèque de la Pléiade* (1964-1995) de Jean-Jacques Rousseau. Nessa edição, os *Fragments Politiques* foram estabelecidos e anotados por Robert Derathé e se encontram no volume III das *Oeuvres Complètes*; o “Fragmento X” se encontra entre as páginas 529-533. Segundo Derathé, esse fragmento mantém relação com o capítulo IX do *Ensaio sobre a origem das línguas* e, desse fato, não deveria ser posterior ao ano de 1754 (Cf. nota 1, p. 1533). Seguimos a organização, os acréscimos e sugestões do organizador dessa edição. Agradeço a Luiz Henrique Monzani (Doutorando em Filosofia pela UFSCar) pelas sugestões na tradução, mas me responsabilizo pelas imprecisões do presente texto.

As necessidades dessa segunda classe têm por objeto o luxo da sensualidade, da languidez, a união dos sexos e tudo aquilo que agrada nossos sentidos.

Uma terceira ordem de necessidades que, nascidas após as outras, não deixam enfim de ter o primado sobre todas, são aquelas que vêm da opinião. Tais são as honras, a reputação, a posição social, a nobreza e tudo o que só existe na estima dos homens, mas que conduz para essa estima bens reais que não obteríamos sem ela.

Todas essas diversas necessidades estão encadeadas umas às outras, mas as primeiras e as segundas apenas se fazem sentir nos homens quando as primeiras são satisfeitas [sic].² Tanto que quando nos ocupamos somente com a preservação da vida, cuidamos pouco da volúpia, e menos ainda da vaidade: o amor pela glória atormenta pouco as pessoas famintas.

Assim, tudo se reduz de início à subsistência e, nesse sentido, o homem possui tudo que o rodeia. Depende de tudo e se torna aquilo tudo do que depende a sua força de ser. O clima, o solo, o ar, a água, os produtos da terra e do mar, formam seu temperamento, seu caráter, determina seus gostos, suas paixões, seus trabalhos, suas ações de toda espécie. Se isso não é exatamente verdade quanto aos indivíduos, é-o incontestavelmente quanto aos povos; e se saíssem da terra homens todos formados, onde quer que isso pudesse acontecer, quem conhecesse bem o estado de tudo isso que os rodeia, poderia determinar, com certeza, o que eles se tornariam.

Então, antes de iniciar a história de nossa espécie, é necessário começar por examinar sua permanência e todas as variedades que nela se encontram, pois daí vem a primeira causa das revoluções do gênero humano. Na falta de tempo e de conhecimentos necessários para entrar em tão grande detalhe, limitar-me-ei aqui às observações indispensáveis para compreender aquilo que direi em seguida.

Embora, num circuito de três mil léguas, a terra não seja uma imensa esfera, ela se estende, por assim dizer, pela variedade dos seus climas, que, próprios à diversas qualidades de plantas e animais, dividem-na em tantos mundos cujos habitantes, circunscritos cada um no seu, não podem passar de um ao outro. Somente o homem e alguns animais domésticos subsistem naturalmente em qualquer lugar, e podem adquirir tantas maneiras de viver quanto a diversidade de climas e suas produções exigem deles. Uma outra diversidade que multiplica a precedente e a combina é aquela das estações. Sua sucessão, levando alternadamente muitos climas em um só, acostuma os homens que

2 Segundo Derathé, há nesse trecho um lapso evidente que o sentido permite corrigir sem hesitação. Trata-se de entender: «mais les seconds et les troisièmes ne se font sentir aux hommes que quand les premiers sont satisfaits» (Cf. Variante “a”, p. 1534). Portanto, a tradução ficaria: “mas as segundas e terceiras só se fazem sentir nos homens quando as primeiras são satisfeitas”.

vivem sob suas impressões diversas; e os torna capazes de passar e viver em todos os países onde a temperatura se faz sentir no seu. Se a eclíptica se confundisse com o equador, talvez nunca teria havido emigração do povo, e cada um, por não poder suportar outro clima senão aquele onde nascera, nunca teria saído. Inclinar o dedo no eixo do mundo ou dizer ao homem: “Cobri a terra e sede sociável”, foi a mesma coisa para Aquele que não tem necessidade nem de mão para agir nem de voz para falar.

Sob a linha do equador, da qual o sol pouco se distancia, e onde os dias são sempre iguais tanto às noites quanto entre si, inverno e verão, marcados somente pelas alternâncias de sol e chuva, dificilmente fazem sentir alguma diferença de temperatura. Mas, quanto mais se distancia da linha, mais a diferença dos dias e estações aumenta. As noites se tornam maiores e mais frias, os invernos mais longos e mais rudes à medida que se aproxima dos polos. O calor, sem o qual a terra rapidamente deixaria de produzir, não diminui na mesma proporção. Os verões são curtos, porém ardentes nos países setentrionais; neles semeia-se e colhe-se o trigo no espaço de dois meses; ainda nesse curto espaço as noites são tão frias, que só se deve contar como verão o tempo em que o sol está sobre o horizonte: ao longo das vinte e quatro horas, passa-se alternativamente do inverno ao verão.

Dessas observações se seguiria que os povos dos climas quentes, cuja temperatura é pouco variada, seriam menos propensos às emigrações que os povos dos climas frios, que, até certo ponto, têm em casa dois extremos. Sei que a opinião comum é, ao contrário, que os habitantes do Norte suportam menos a permanência em países quentes que esses últimos a permanência em países frios. Logo veremos qual desses dois princípios está mais fundamentado na razão: veremos em seguida qual é o mais conforme à história e aos fatos.

As qualidades da terra e as espécies de suas produções não se sentem menos que os temperamentos dos homens [se sentem] dos diversos aspectos do sol, e o solo muda tanto de um clima ao outro quanto o natural de seus habitantes. A terra, mais rarefeita e mais porosa nos países quentes, demanda menos trabalho e se impregna mais facilmente dos sais que a fertilizam. As plantas que produz são mais nutritivas, as árvores dão em abundância melhores frutos. Uma única espécie pode fornecer ao homem todas as suas necessidades: quase sem trabalho e dificuldade, sua fecundidade natural é suficiente para alimentar seus habitantes.

Nos países frios, a terra preguiçosa e semimorta não tem muita força para elaborar nos vegetais sucos próprios à alimentação do homem: se vegeta, ela apenas produz ervas sem sabor e árvores sem frutos, que só podem nos fornecer alimentos por vias intermediárias, alimentando os animais que nos servem de alimento.

Mil variedades sobre a terra, na terra, determinam as maneiras de ser de seus habitantes e os submetem a certas condições. Geralmente, os montanheseiros são pastores pela condição; os habitantes dos bosques, caçadores pela condição; e aqueles das planícies, agricultores pela condição.

A água, e até mesmo o ar, podem fornecer alimentos àqueles a quem a terra recusa; os habitantes das costas estereis são todos pescadores e ictiófagos. Há, conta-se, nos rochedos da Caucásia, homens cujos falcões e águias são os provedores; e o céu, em certos lugares, fornece sucos condensados durante a noite que podem servir de alimento.

Enfim, frequentemente a terra árida e estéril, sem nada produzir em sua superfície, não deixa de fornecer mediadamente a subsistência de seus habitantes, seja por exploração de suas minas que se encontram em suas entranhas, seja pela comodidade dos transportes que dá àqueles que a habitam o meio de ir fazer, por toda parte, a troca de seus trabalhos e de suas pessoas com as coisas das quais têm necessidade.

Se toda a terra fosse igualmente fértil, talvez os homens nunca teriam se aproximado. Mas a necessidade, mãe da indústria, os forçou a se tornarem úteis uns aos outros para serem úteis a si mesmos. É por essas comunicações, de início forçadas, depois voluntárias, que seus espíritos se desenvolveram, que adquiriram talentos, paixões, vícios, virtudes, luzes, e que se transformaram em tudo isso que podem ser, para o bem e para o mal. O homem isolado permanece sempre o mesmo, ele não faz progresso senão em sociedade.

Outras causas, mais fortuitas em aparência, concorreram em dispersar os homens de modo desigual aqui, em reuni-los em pelotões ali, e em apertar ou soltar os laços dos povos segundo os acidentes que os reuniram ou separaram. Tremores de terra, vulcões, incêndios, inundações, dilúvios, mudando bruscamente, com a face da terra, o curso que tomavam as sociedades humanas, combinaram-nas de uma nova maneira, e essas combinações, das quais as primeiras causas eram físicas e naturais, transformaram-se, por fruto do tempo, em causas morais que mudaram o estado das coisas, produziram guerras, emigrações, conquistas, enfim, revoluções que preenchem a história e das quais se faz a obra dos homens sem remontar àquilo que os fez agir assim. É preciso não duvidar que esses grandes acidentes da natureza foram mais frequentes nos primeiros tempos, antes que uma população mais igual tivesse posto a face da terra no estado fixo em que a arte e a mão humana a conservam em nossos dias, e que eles existam até hoje nas regiões desertas onde nada restabelece o equilíbrio que os acidentes da natureza tenham uma vez rompido.

2

Não é necessário aplicar a todos os climas um preceito feito para um clima apenas. Um terreno demanda apenas seis dias de trabalho, um outro não menos que toda a semana. Em geral, os países mais quentes permitem e exigem mais repouso; os países frios possuem homens mais robustos, suficientes para mais trabalho, e uma terra mais ingrata que o exige.